

Manual para Docentes

Crianças e Jovens expostos à Violência Doméstica

Conhecer e qualificar as respostas na comunidade



Cascais
Câmara Municipal



Fórum Municipal de Cascais
contra a Violência Doméstica

Índice.

A importância deste tema. _____	3
Definições. _____	4
O que é? _____	5
Roda do poder e controlo. _____	6
Dados sobre a violência doméstica em Portugal. _____	7
Impacto nas crianças e adolescentes. _____	8
Potenciais impactos em diferentes idades. _____	9
Sinais de alerta. _____	10
O que os docentes podem “ver”. _____	11
Como agir quando as crianças ou jovens manifestam perturbações de comportamento. _____	12
Estratégias para o pessoal docente. _____	14
Quando existe violência conjugal. _____	17
Como apoiar uma criança ou jovem que revela uma situação de violência. _____	18
Quando e como denunciar à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens? _____	20
Planeamento da segurança. _____	24
Prevenção da violência na escola. _____	26
Parcerias entre a escola e a comunidade. _____	28
Recursos. _____	30

Ficha Técnica.

Adaptado da publicação original:

Children Exposed to Domestic Violence

Autores: Linda L. Baker, Peter G. Jaffe, Lynda Ashbourne, Janet Carter

Patrocinado por: The David and Lucile Packard Foundation (Canadá)

ISBN: 1-895953-13-8

Adaptação: Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica

Design: www.ideia-ilimitada.pt

ISBN: 978-972-637-198-4

Cascais, Junho de 2009

Pedidos.

Este Manual pode ser adquirido directamente

ou solicitado à Livraria Municipal de Cascais.

Preço: 3,50€ (IVA incluído)

Câmara Municipal de Cascais

Morada: Pç. 5 de Outubro, 2754-501 Cascais

Tel. 21 482 53 79

Fax. 21 483 69 70

A importância do tema.

Porque motivo preciso de saber?

Em Portugal, tal como noutros países, todos os anos, milhares de crianças e adolescentes são expostos/as à violência nas suas casas, nas escolas, nos seus bairros e através dos meios de comunicação social. Uma proporção significativa destas crianças e jovens está exposta à violência doméstica – ou seja, ao comportamento abusivo utilizado por uma pessoa para controlar e dominar outra, com quem se tem uma relação íntima ou familiar. As crianças e jovens atingidos/as por esta forma de violência sofrem, frequentemente, impactos a curto e a longo prazo que podem afectar a sua integração na escola.

- As crianças e adolescentes que convivem com violência doméstica poderão vir a manifestar problemas emocionais e comportamentais, incluindo um comportamento violento e agressivo. Correm ainda um maior risco de serem directamente alvo de abusos emocionais ou físicos. Estas vivências podem comprometer a aprendizagem e a capacidade de consolidar amizades na escola.
- A identificação precoce das dificuldades pode levar a um apoio e a uma intervenção mais rápidos e eficazes junto dos/as jovens e das suas famílias. O pessoal docente encontra-se numa posição ideal para perceber quando é que um aluno, ou aluna, está a ter problemas.
- A intervenção na escola e as iniciativas de prevenção podem reduzir o risco e aumentar os factores de protecção das crianças e jovens. Os professores e professoras podem ser as pessoas que fazem a diferença na vida dos/as alunos/as que têm problemas em casa. As escolas podem constituir-se como locais de segurança e apoio para crianças e jovens mais vulneráveis e os adultos que nelas trabalham, podem contribuir para mudar a vida de uma criança afectada pela violência.

As crianças e jovens atingidos/as por esta forma de violência sofrem, frequentemente, impactos a curto e a longo prazo que podem afectar a sua integração na escola.

Como poderá este manual ajudar-me?

Este manual contém informações que poderão ajudar-me a:

- **Saber** mais acerca da violência doméstica e do seu impacto em crianças e adolescentes;
- **Reconhecer** os sinais que os alunos e alunas poderão mostrar quando estão a ter problemas. Estes sinais podem ocorrer por vários motivos, incluindo violência doméstica;
- **Aprender** formas de apoiar alunos/as e de lidar com os comportamentos problemáticos na escola;
- **Oferecer** apoio e informação acerca dos recursos disponíveis para os pais, e sobretudo as mães, que podem, também elas, ser vítimas de violência doméstica.

Definições.

Violência doméstica

Refere-se ao abuso exercido por parte de **um parceiro, ou parceira, íntimo/a** ou ex-parceiro/a e, quando existem filhos/as, designa-se também por **violência inter-parental**.

Utiliza-se o termo **maus-tratos** para designar situações de violência ou de negligência grave exercida contra filhos/as menores.

Crianças expostas à violência doméstica

Refere-se a crianças e adolescentes que assistem, ouvem ou têm consciência da violência exercida por um/a progenitor/a contra o/a outro/a.

Agressor/a

Refere-se às pessoas que são violentas para com os companheiros ou companheiras ou filhos/as. É usado com o mesmo significado de **ofensor/a** ou **progenitor/a ofensor/a**.

Vítima

Refere-se às pessoas que sofrem abusos por parte dos companheiros ou companheiras. É utilizado com o mesmo significado de **sobrevivente, progenitor/a vítima de abuso, vítima adulta e progenitor/a que sofre maus-tratos**. O termo "sobrevivente" reflecte a situação de muitas pessoas que sofrem abusos e enfrentam a situação com a sua força e recursos pessoais.

Violência no namoro entre adolescentes

Refere-se à utilização de táticas de poder e controlo numa relação de intimidade entre jovens.

Maus-tratos a crianças

Também denominado "**abuso**", é um termo que se aplica à violência física, sexual, emocional e/ou negligência exercida sobre filhos/as menores.

Estratégia de Coping

Consiste numa forma de reagir a uma situação emocionalmente dolorosa. Às vezes é referida como estratégia de sobrevivência.

O que é?

Perceber a violência doméstica ajuda-nos a apoiar alunos/as que vivenciam esta problemática.

A Violência doméstica...

- Ocorre em todas as idades, grupos socioeconómicos, educacionais, profissionais, religiosos e étnicos;
- Ocorre num relacionamento íntimo ou familiar, actual ou passado;
- Normalmente envolve um comportamento repetitivo que inclui diferentes tipos de abuso – agressões físicas, psicológicas, emocionais, abuso económico e a utilização das crianças (ver Roda do Poder e Controlo, página 6);
- É utilizada para intimidar, humilhar ou assustar as vítimas, como forma sistemática de manter o poder e controlo sobre as mesmas;
- É um comportamento violento e abusivo que, na maioria dos casos, foi aprendido pelo/a agressor/a (p.ex., modelo de comportamento abusivo na família de origem; comportamento abusivo recompensado – alcança resultados desejados para o/a agressor/a);
- É provocada pelo/a agressor/a e não pela vítima nem pelo relacionamento;
- É uma ofensa criminal em que se utiliza a força ou ameaça da força física ou sexual;
- Afecta, de forma diferente, homens e mulheres: as mulheres sofrem mais violência durante o seu ciclo de vida, são sujeitas a formas mais graves de violência e sofrem danos mais graves do que os homens;
- Pode representar um risco acrescido para a vítima e filhos/as no momento de separação ou divórcio;
- Resulta num comportamento por parte da vítima que se direcciona para garantir a sobrevivência (p.ex., minimizar ou negar a violência, assumir a responsabilidade pela violência, proteger o/a agressor/a, consumir álcool ou drogas, autodefesa, procurar ajuda, permanecer na relação de abuso);

Roda do poder e controlo.



Dados sobre violência doméstica em Portugal.

De acordo com os dados do Ministério da Administração Interna, foram registados pelas forças de segurança, em 2007, 22.063 crimes de violência doméstica, sendo que entre Janeiro e Outubro de 2008, o número de denúncias nas forças de segurança ascendia já a 23.462 ocorrências. Trata-se na esmagadora maioria de casos de violência conjugal, exercida contra **mulheres entre os 25 e os 64 anos de idade.**

A violência doméstica assume muitas vezes contornos de **extrema gravidade, podendo inclusivamente levar à morte.** De acordo com o Observatório das Mulheres Assassinadas, em Portugal, de Janeiro a Novembro de 2008, 43 mulheres foram mortas pelos seus maridos, ex-maridos, companheiros e (ex)namorados.

Em Cascais, no ano de 2007, as forças de segurança registaram 445 crimes de violência doméstica, o que corresponde a uma média de 9 denúncias por semana. À semelhança dos dados de nível nacional, tratam-se sobretudo de situações de violência conjugal contra mulheres em idade activa.

No que diz respeito aos maus-tratos, a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Cascais, instaurou, apenas no ano de 2007, 91 processos de promoção e protecção por motivos de maus-tratos físicos, psicológicos ou sexuais e 170 processos por motivos de negligência.

Impacto nas crianças e adolescentes.

Assistir, ouvir ou ter conhecimento de que a mãe é maltratada pelo companheiro põe em risco o sentimento de estabilidade e a segurança das crianças e jovens.

As crianças e adolescentes poderão sofrer maiores problemas comportamentais e emocionais.

Nalguns casos, estes/as jovens demonstram reacções traumáticas de stress (p.ex., flashbacks, pesadelos, reacções intensificadas de pânico, preocupação constante com um possível perigo).

As crianças e adolescentes que convivem com a violência doméstica estão expostos/as a um risco mais elevado de agressões físicas ou maus-tratos na infância.

O/a agressor/a poderá usar as crianças e adolescentes como instrumento de controlo sobre as vítimas adultas. Os exemplos incluem:

- Afirmar que o mau comportamento das crianças é o motivo das agressões exercidas sobre a vítima;
- Ameaçar agredir as crianças e os seus animais de estimação;
- Falar às crianças de forma negativa acerca do comportamento da vítima;
- Manter as crianças reféns ou raptá-las para punir a vítima adulta ou obter condescendência;
- Esconder documentos importantes das crianças (p.ex., certidão de nascimento, cartões de saúde, passaporte).

As crianças e adolescentes poderão manifestar uma forte ambivalência sentimental para com o/a progenitor/a violento/a: o afecto coexiste com sentimentos de ressentimento e desapontamento.

Os/as jovens poderão imitar e aprender as atitudes e comportamentos violentos a que assistem em casa e tomá-los como modelo.

A exposição à violência doméstica poderá tornar as crianças e adolescentes menos sensíveis ao comportamento agressivo. Quando tal acontece, a agressão torna-se “normal” e tem menos probabilidade de lhes causar preocupação.

Independentemente da origem cultural dos/as jovens, os sentimentos resultantes da exposição à violência inter-parental são provavelmente os mesmos. No entanto, alguns alunos, ou alunas, poderão enfrentar barreiras adicionais na procura de ajuda devido às diferenças que sentem face à cultura dominante, tais como:

- Barreiras culturais e linguísticas;
- Visibilidade da situação da mãe dentro da comunidade;
- Desconfiança de adultos/as em posições de autoridade (p.ex., agentes da Polícia);
- Preocupação crescente com o secretismo;
- Isolamento social;
- Recursos e apoios limitados;
- Racismo;
- Discriminação;
- Falta de documentos.

Potenciais impactos em diferentes idades.

	ASPECTOS ESSENCIAIS DO DESENVOLVIMENTO	POTENCIAL IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
Crianças em idade pré-escolar	<p>Aprendem a expressar, de forma apropriada, a agressão e a raiva, assim como outras emoções. Pensam de forma egocêntrica.</p> <p>Formam ideias sobre o papel de homens e mulheres com base em mensagens sociais.</p> <p>Aumentam a sua autonomia (vestir-se sozinho/a, etc.).</p>	<p>Aprendem formas pouco saudáveis de exprimir a raiva e a agressão, possivelmente confundidas por mensagens dissonantes (o que vejo versus o que me dizem).</p> <p>Poderão atribuir a violência a algo que tenham feito.</p> <p>Aprendem os papéis de género associados à violência e à vítimação.</p> <p>A instabilidade poderá inibir a autonomia; poderá haver comportamentos regressivos.</p>
Crianças em idade escolar (6-11 anos)	<p>Aumento da consciência emocional de si próprias e dos demais.</p> <p>Maior complexidade de discernimento entre o bem e o mal: ênfase na justiça e na intenção.</p> <p>O sucesso escolar e social dentro da escola tem um impacto essencial no conceito de si próprio/a.</p> <p>Maior identificação com crianças do mesmo sexo.</p>	<p>Maior consciência das próprias reacções à violência no lar e do seu impacto nos outros (p.ex., preocupações relativas à segurança da mãe, queixas contra o pai).</p> <p>É possível que se encontrem mais susceptíveis a aceitar racionalizações que ouviram como forma de justificar a violência (p.ex., o álcool provoca a violência; a vítima mereceu a agressão).</p> <p>A capacidade de aprendizagem poderá diminuir devido ao impacto da violência (p.ex., distração); os reforços positivos poderão ser ignorados seleccionando ou recordando apenas os acontecimentos negativos.</p> <p>Poderão aprender os papéis de género associados à violência conjugal (p.ex., homens como agressores, mulheres como vítimas).</p>
Adolescentes	<p>Percepção crescente de si próprio/a e autonomia em relação à família.</p> <p>Mudanças físicas trazidas pela puberdade.</p> <p>Aumento da influência dos pares e desejo de aceitação.</p> <p>Os namoros levantam questões sobre sexo, intimidade e formas de relacionamento.</p> <p>Influência crescente dos meios de comunicação social.</p>	<p>As capacidades familiares para uma comunicação e negociação com respeito poderão ser mal desenvolvidas devido à violência; a transição para a adolescência pode ser mais difícil para o/a jovem e para a família.</p> <p>Poderão tentar deter a violência fisicamente; poderão utilizar o seu crescimento físico para impor a sua vontade através de intimidação física ou agressão.</p> <p>Poderão ficar socialmente constrangidos/as pela violência em casa; poderão tentar afastar-se da violência ficando cada vez mais tempo fora de casa; poderão utilizar estratégias erradas para fugir à violência (p.ex., drogas).</p> <p>Poderão ter dificuldade em estabelecer relacionamentos saudáveis; poderão correr maior risco de se envolver em relações de namoro violentas (p.ex., rapazes como agressores, estereótipos dos papéis masculino/feminino).</p> <p>Poderão ser mais influenciados pelas mensagens dos meios de comunicação social sobre violência e estereótipos dos papéis de género.</p>

Sinais de alerta.

As crianças e jovens poderão manifestar determinados sintomas quando convivem com violência doméstica. Estes mesmos sintomas também podem ocorrer por outros motivos (p.ex., morte de pessoa/familiar próxima, situação habitacional muito precária, violência por parte de colegas, alcoolismo por parte dos pais). Nestas situações, poderá consultar colegas, supervisores/as ou outros/as profissionais de apoio para discutir as suas preocupações.

Os sintomas normalmente incluem:

- Mal-estar físico (dor de cabeça, dor de barriga);
- Cansaço;
- Preocupação constante com um eventual perigo ou com a segurança dos membros da família (p.ex., necessidade de confirmar se os irmãos ou irmãs estão bem);
- Tristeza ou afastamento dos/as colegas e das actividades;
- Baixa auto-estima e falta de confiança, especialmente ao experimentar coisas novas (incluindo tarefas escolares);
- Dificuldade em prestar atenção nas aulas, em concentrar-se nos trabalhos e em aprender novas matérias;
- Explosões de raiva dirigidas ao pessoal docente, a colegas ou a si próprio/a;
- Violência ou agressão para com colegas dentro e fora da sala de aula;
- Crenças estereotipadas acerca de homens enquanto agressores e mulheres enquanto vítimas.

Além dos comportamentos acima mencionados, os alunos e alunas mais crescidos/as poderão revelar:

- Feridas auto-infligidas ou mutilação
- Pensamentos e acções suicidas
- Alto risco comportamental (incluindo actividades criminosas e abuso de álcool e drogas)
- Faltas às aulas ou fuga de casa
- Violência nos namoros

O que os docentes podem “ver”.

Faltar às aulas

O Martim, com 10 anos, foi advertido por faltar às aulas. A carta de advertência questionava se o Martim estaria a desenvolver uma fobia à escola. Parecia especialmente confusa a natureza do seu absentismo dado que ele ia para a escola de manhã, mas fugia durante o intervalo da manhã.

Durante a segunda entrevista, o Martim revela que o pai é bastante violento e “bate com força na mãe.” O Martim explica que há dias em que tem de ir a casa para se certificar de que a sua mãe está bem. Diz que fica na rua e espreita pela janela, pronto a intervir se a mãe precisar dele.

Preocupação e Secretismo

O Gonçalo, com 8 anos, está extremamente perturbado. Acaba por revelar que o seu companheiro de carteira, o David, estava muito triste durante a aula de Matemática. O David tinha dito que a mãe tinha saído a meio da noite após uma grande discussão com o pai. O David acordou durante a noite devido à discussão. Disse ter visto o pai puxar a mãe pelos cabelos, arrastando-a pelas escadas. O Gonçalo comenta com os pais que o David lhe disse que o mataria caso ele contasse a alguém. Nenhum dos rapazes acabou os exercícios de matemática.

Na semana seguinte, o Gonçalo conta aos pais que o David estava muito zangado com a mãe. Mais uma vez, durante um teste de Matemática, o David contou ao Gonçalo que a sua mãe estava com outro homem e que iria tentar ficar com todo o dinheiro do pai. O David também contou que o seu pai nunca magoaria a mãe se esta não estivesse a prejudicar a família.

Alguns alunos e alunas poderão reagir concentrando-se, intencionalmente, em actividades académicas, desportivas ou sociais. Descrevem que bloqueiam os acontecimentos traumáticos que ocorrem em casa com a vida na escola. Pode parecer que estes/as jovens não foram atingidos pela violência doméstica. Porém, deverá ser mais correcto encará-los/as como crianças e adolescentes cujas estratégias de sobrevivência fomentam o sucesso na escola porque, em casa, vivem uma situação de falta de controlo sobre os acontecimentos perturbadores e têm poucas oportunidades de receber reforços positivos.

Violência no Namoro

A Daniela, com 15 anos, cresceu a assistir à violência constante contra a mãe. Recorda muitas vezes quando a mãe e ela iam para uma casa abrigo para estarem mais seguras. Conta que odeia o pai e o padrasto pela forma como trataram a mãe. Está determinada a não entrar num relacionamento violento. Durante uma avaliação ordenada pelo tribunal por faltar às aulas, a Daniela descreve que o namorado a esbofeteia e lhe dá pontapés. Explica que a culpa é sua porque falou com um rapaz de quem o namorado não gosta. Mais tarde, revela que já não se encontra com as suas amigas pois tem de estar em casa, caso o namorado queira estar com ela.

Raiva e Agressão

O Pedro, com 13 anos, e a sua mãe falam com a assistente social da escola. A mãe está muito preocupada com a falta de respeito verbal do Pedro para com as professoras quando o repreendem. Também é agressivo fisicamente para com ela quando a mãe lhe diz que não pode sair com os amigos. A mãe está surpreendida com as atitudes do Pedro. Conta que ele testemunhou a violência do pai para com ela até aos 8 anos. Relata que tem uma relação muito próxima com o filho e tem orgulho em dizer que um dia ele atacou o pai com uma colher de pau para impedir que ele a sufocasse. Sabe que o filho odiava o comportamento violento do pai e está magoada e admirada com as agressões do Pedro para com ela e as professoras.

Como agir quando as crianças ou jovens manifestam perturbações de comportamento.

Sugerimos que encoraje os pais a procurar ajuda para os filhos ou filhas quando o comportamento da criança:

- For fisicamente prejudicial para si própria ou para os outros (p.ex., lutar com outros, comportamentos de risco);
- For tão intenso que interfira com a adaptação quotidiana na escola;
- Não responder às estratégias de orientação comportamental;
- Persistir com o tempo (3 a 6 semanas);
- Muitas vezes, as escolas têm uma lista das instituições de apoio existentes na comunidade (ver páginas 30 e 31).

Estas linhas de orientação poderão ajudar o pessoal docente a lidar com comportamentos perturbadores, independentemente de existir, ou não, violência doméstica.

Lembre-se de que pode haver vários motivos para o comportamento do/a aluno/a.

Os problemas podem ser explicados por diversos factores na vida da criança ou jovem. A exposição à violência doméstica é apenas uma possibilidade.

Tranquilize-os/as e aumente o seu sentimento de segurança na escola fazendo o seguinte:

- Estabeleça regras e rotinas simples para que eles e elas saibam o que esperar;
- Dê explicações simples e directas (sempre que possível) sobre coisas que os/as preocupem (p.ex: sirenes, presença da polícia na escola);
- Deixe que se expressem naturalmente através da linguagem, brincadeiras e trabalhos escritos.

Consulte colegas ou outros/as profissionais de apoio na sua escola.

Estas consultas criam oportunidades para obter apoio, informação sobre recursos e para explorar estratégias que poderá aplicar na sua sala de aula e no resto da escola (p.ex: corredores, pátio).

Ao preparar-se para consultar outra pessoa, poderá ser importante:

- Clarificar a sua preocupação, já que se relaciona com a escola e a sua responsabilidade de educar;
- Pensar na forma como descreveria o problema (p.ex: Qual é o problema? Quando começou? Com que regularidade ocorre? Quem é afectado/a e de que forma? O que é que já foi experimentado e como funcionou?)

Fale com o pai ou com a mãe .

- Exprima as suas preocupações, na medida em que se relacionam com a educação do aluno ou aluna, de forma construtiva e não ameaçadora.
- Pergunte-lhe se notou algo em casa e se tem alguma ideia sobre o que poderá estar a contribuir para a dificuldade do/a filho/a na escola.
- Discuta eventuais formas de apoiar a criança ou jovem. O que podem o pai ou a mãe fazer? O que pode o pessoal docente fazer?

Lembre-se que nem sempre é fácil falar sobre problemas familiares.

A violência doméstica e outros problemas familiares são frequentemente tratados com grande secretismo. Por vezes, o segredo é uma forma de garantir a segurança (p.ex., as crianças podem temer que as ameaças sejam postas em prática se falarem das agressões a alguém; a mãe pode temer que o companheiro agressor magoe ou rapte as crianças se contar a alguém que é agredida). Ao perguntar, você terá de comunicar à família que está preocupado/a e disposto/a a ajudar.

Mesmo que a vítima adulta opte por não falar consigo neste momento, importa que mostre disponibilidade para que venha ter consigo futuramente, caso esteja a ter problemas de violência, ou outros, que possam afectar a criança e deseje falar sobre o assunto.

Forneça informações sobre recursos disponíveis

Disponibilize informações sobre recursos existentes na comunidade que possam ajudar a criança ou jovem e a família (p.ex., instituições de apoio a vítimas de violência doméstica, casas abrigos para mulheres, serviços de apoio para crianças, serviços de apoio a imigrantes). (ver páginas 30 e 31).

Estratégias para o pessoal docente.

Crie um ambiente seguro e calmo que promova o respeito para com os outros.

Estabeleça uma norma explícita contra a violência. Imponha de forma consistente a não-aceitação da violência.

Ensine e recompense a resolução de conflitos de forma não violenta e a cooperação.

Incentive modelos de educação, comportamento respeitoso e igualdade entre homens e mulheres.

Promova a cooperação e reduza a competição e situações em que os/as alunos/as possam ser humilhados/as (p.ex: colegas a escolher as equipas).

Forneça experiências e actividades positivas que promovam a segurança, a auto-estima e aprendizagem.

Reforce de forma positiva os esforços dos alunos e das alunas.

Providencie oportunidades de divertimento.

Ensine todos os alunos e alunas a reconhecer as suas forças e tente assegurar que todos/as têm algum sucesso.

Respeite os costumes culturais e religiosos dos/as alunos/as.

Assegure-se de que os alunos e alunas sabem o que esperar.

Faça um plano do dia ou da semana e prepare os/as alunos/as para as iniciativas.

Minimize alterações de última hora ao que está programado.

Avise antecipadamente sobre eventos futuros.

Avise antecipadamente sobre aulas ou actividades futuras em que poderão abordar experiências difíceis.

Aumente os laços positivos com a escola.

Procure uma ligação entre os interesses e capacidades das crianças ou jovens e as aulas (p.ex. envolvê-los um projecto especial), a escola (p.ex., ajudar auxiliares em determinadas tarefas) ou actividades extracurriculares (p.ex., grupos temáticos, desportos).

Encoraje a participação. Interaja com o/a aluno/a de vez em quando com o intuito de o/a fazer falar acerca do seu envolvimento.

Elabore uma lista de colegas (p.ex., conselheiro/a mais velho/a) e de adultos/as (p.ex., funcionários/as da escola; voluntários/as; profissionais de outras organizações que acompanham a criança ou jovem) que possam encorajar e fortalecer a ligação da criança ou jovem à escola.

Use pessoas famosas, que valorizem a educação e com quem os alunos e alunas se possam identificar, como modelos.

As crianças e jovens expostos/as à violência em casa poderão beneficiar com técnicas e estratégias de ensino específicas. Felizmente, estas técnicas beneficiam a maioria dos/as alunos/as e são já provavelmente utilizadas, a algum nível, na sua sala de aula.

Utilize várias estratégias de ensino.

Arranje algum tempo, durante o dia na escola, para o/a aluno/a fazer os trabalhos de casa quando este/a esteja mais disponível para os terminar.

Utilize estratégias de aprendizagem em cooperação que permitam um reforço positivo mais imediato, ocasiões para partilhar e oportunidades de trabalho em pequenos grupos.

Pense em formas de estimular fisicamente a sua turma, tendo em linha de conta uma variedade de estilos de aprendizagem.

Pergunte regularmente se estão a perceber, para ver se o que diz ou faz está a ser ouvido e compreendido. Repita a informação de forma calma.

Permita que os/as estudantes utilizem auxiliares de aprendizagem, tais como gravadores, calculadoras, mapas de referência e processadores de texto – se necessário.

Tire partido de oportunidades para falar com os alunos e alunas sobre relações saudáveis, igualdade e o papel do homem e da mulher.

Lembre-se que algumas actividades ou situações podem fazer os/as alunos/as recordarem acontecimentos perturbadores associados à violência nas suas casas.

Exemplos de acontecimentos ou temas que podem ser difíceis para crianças ou jovens que convivem com a violência incluem:

- Prevenção de álcool/drogas;
- Fazer algo para dar ao pai ou à mãe;
- Educação para a prevenção de violência;
- Brigas entre colegas;
- Gritos na sala de aula.

“A escola serviu como o meu abrigo contra muitas tempestades... Os professores abriram-me portas para mundos que o resto da minha vida tinha fechado.”

Quando existe violência conjugal.

Ao planejar falar com um dos progenitores que pode ser vítima de violência doméstica:

Procure uma hora e um local seguros para falar.

Tente contactar telefonicamente a vítima e pergunte se é uma altura conveniente para falar sobre os progressos do/a filho/a na escola. Dê-lhe a oportunidade de ir à escola falar consigo. Se deixar uma mensagem não mencione problemas em casa, pois poderia colocar a vítima adulta e/ou a criança em perigo.

Partilhe as suas preocupações sobre o aluno ou aluna.

Centre a conversa nas suas preocupações do ponto de vista da educação da criança ou jovem e da adaptação à escola.

Demonstre apoio e forneça informações sobre recursos comunitários.

Pode ser muito difícil para uma mãe, ou pai, saber que o/a filho/a falou sobre a situação de violência com alguém que não pertence à família. A vítima adulta poderá ficar preocupada com as possíveis consequências desta revelação, incluindo maior preocupação com questões de segurança (p.ex., aumento da violência por parte do/a companheiro/a se descobrir que a criança ou jovem contou; apreensão quanto ao envolvimento da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens). Poderá reagir com raiva ou negação. É importante que continue a apoiar a vítima e forneça informações (ver páginas 30 e 31). Você poderá salientar que a criança ou jovem não queria ser desleal nem criar problemas. A maioria das vítimas adultas quer, e tenta, proteger os/as filhos/as.

Encoraje a vítima a contactar organizações locais no âmbito da violência doméstica para pedir apoio e ajuda relativamente a como planejar a sua segurança.

Forneça contactos telefónicos ou informações sobre medidas adicionais de segurança. Dê-lhe a oportunidade de telefonar e providencie um telefone e privacidade. Mantenha o acompanhamento da situação e dos progressos efectuados.

Garanta que não irá falar com o suposto agressor, ou agressora, acerca das suas preocupações.

Falar com o/a agressor/a sobre as suas preocupações poderá colocar em perigo a criança ou a vítima adulta. Ao garantir que não irá discutir este assunto com o/a companheiro/a agressor/a poderá aliviar a preocupação sentida pela vítima por ter sido revelada a situação de violência.

Verifique se será obrigado/a a denunciar a situação aos respectivos serviços de protecção de menores (CPCJ) (ver páginas 20 e 21).

Se houver suspeitas de que a vítima adulta maltrata a criança ou jovem (p. ex., agressões físicas, negligência), contacte a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens sem falar com a vítima adulta sobre as suas preocupações. Se não for este o caso poderá partilhar com ela as suas preocupações e, quando necessário, a obrigatoriedade de denunciar a situação.

Como apoiar uma criança ou jovem que revela uma situação de violência.

Informe a criança ou jovem sobre os limites da confidencialidade.

Diga-lhe quando não puder manter a informação confidencial (p.ex., se alguém está a ser mal tratado; se alguém planejar fazer mal a si próprio ou a outros). O que disser será influenciado pela legislação e pelas práticas adoptadas pela escola.

Deixe que a criança ou jovem conte a sua história.

Ter alguém em quem confiar, normalmente ajuda as crianças e jovens a falar sobre a violência em casa ou outros acontecimentos perturbadores que ocorram nas suas vidas.

Não o/a pressione a falar.

É importante ter em mente que o seu papel não é juntar provas ou investigar a situação. O seu papel é ouvir e entender os sentimentos que o/a aluno/a está a partilhar.

Tranquilize-o/a.

Se um aluno, ou aluna, lhe confiar uma revelação sobre um incidente perturbador que tenha acontecido em casa, tranquilize-o/a corroborando os seus sentimentos (p.ex., "Deve ter sido muito assustador para ti. Estás bem?"). Dependendo da situação, também poderá ser útil deixar transparecer que gostou que lhe tivesse contado; que a violência não é culpa dele/a e que ninguém deveria ser magoado/a.

Um/a aluno/a mais crescido/a poderá pedir-lhe que não diga nada a ninguém sobre o que lhe contou. Será importante que o/a informe se precisar de contar a algumas pessoas que o/a possam ajudar (e a outros) a estar em segurança.

Informe-o/a sobre o que irá fazer.

As crianças e jovens costumam sentir-se aliviados/as, mas vulneráveis, após uma revelação. A situação perturbadora com que estão a lidar também os/as pode fazer sentirem-se impotentes. Informar o/a aluno/a sobre os passos que pretende dar e quando voltará a falar com ele/a pode diminuir a ansiedade.

O pessoal docente poderá ser confrontado com revelações sobre situações de violência em casa, mas poderão dispor de informações limitadas sobre como dar apoio. As directrizes que se seguem pretendem aumentar a sua capacidade e confiança para responder eficazmente e ajudar a criança ou jovem quando este/a faz uma revelação.

Apoie-o/a sempre que possível na altura de fazer escolhas.

As crianças e jovens não controlam situações perturbadoras. Poderá aumentar o sentimento de controlo ao oferecer-lhes escolhas. Por exemplo, algumas crianças e jovens poderão querer distanciar-se durante algum tempo da sala de aula após fazerem uma revelação e poderão preferir sentar-se na biblioteca. Outros/as poderão preferir voltar para a sala. Sempre que possível apoie-os/as naquilo que sentem necessitar na altura.

Não critique nem fale negativamente sobre o/a agressor/a.

As crianças e jovens têm, frequentemente, sentimentos confusos ou contraditórios para com o/a agressor/a. Poderão repudiar o abuso, mas gostar dos momentos "de brincadeira" que também partilham com quem inflige o abuso. As crianças e adolescentes podem sentir-se, simultaneamente, muito zangados/as e leais para com o/a progenitor/a agressor/a. Se o/a julgar ou criticar, os sentimentos de lealdade e protecção que a criança ou jovem nutre pelo pai, ou pela mãe, poderão levá-lo/a a sentir que não pode falar acerca do abuso.

Não faça promessas que não pode cumprir.

Por vezes, os/as professores/as ficam tão comovidos com a situação da criança ou jovem e desejam tanto protegê-la/o e confortá-la/o, que fazem afirmações que não podem cumprir. Como por exemplo, as seguintes promessas: "Manter-te-ei em segurança"; "Não deixarei que ele volte a magoar a tua mãe"; "Não contarei a ninguém o que me contaste." Ainda que seja com boas intenções, tais promessas podem diminuir a confiança da criança ou jovem nos outros quando descobrir que estas afirmações não são verdadeiras. Isto poderá fazer com que ele/a pense que ninguém é capaz de ajudar e que não vale a pena contar as coisas desagradáveis que se passam em casa.

O/a aluno/a poderá escolher um determinado momento para revelar a sua situação por alguma alteração de circunstâncias ter provocado um desequilíbrio e as estratégias de que a criança ou jovem dispõe habitualmente para lidar com a situação estão afectadas.

Apoiar os/as alunos/as que fazem uma revelação pode aumentar o seu sentimento de segurança e a vontade de partilhar preocupações ou de procurar ajuda no futuro.

Quando e como denunciar à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens?

A Comissão de Protecção de Crianças e Jovens tem a obrigação de proteger as crianças em perigo.

Todas as pessoas têm a obrigação legal de apresentar imediatamente denúncia à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ)* se suspeitarem que uma criança ou jovem, com menos de 18 anos, necessita ou poderá necessitar de protecção devido a agressões ou negligência.

As Comissões de Protecção de Crianças e Jovens, enquadradas pela Lei 147/99 de 1 de Setembro – Lei de Promoção e Protecção de Crianças e Jovens em Perigo - intervêm quando uma criança ou jovem se encontra numa situação de perigo e os seus pais, o/a representante legal ou quem tem a guarda de facto não actuem de modo adequado a remover essa situação.

Considera-se que a criança ou jovem está em perigo quando, designadamente, se encontra numa das seguintes situações:

- Está abandonado/a ou vive entregue a si própria;
- Sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- Não recebe cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;
- É obrigado/a a exercer actividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação e desenvolvimento;
- Está sujeito/a, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento.

Quem faz a denúncia?

A **pessoa que tenha motivos razoáveis para suspeitar** que uma criança ou jovem necessita ou poderá vir a necessitar de protecção, **deverá efectuar a denúncia directamente.**

Não delegue essa responsabilidade. Reveja e siga as orientações internas da sua escola, incluindo o que for necessário para informar outras pessoas, como o/a director/a da escola.

E se não tiver a certeza?

O seu dever é **relatar** qualquer situação que envolva uma criança ou jovem com menos de 18 anos em que tenha **“motivos razoáveis”** para suspeitar de abusos físicos, sexuais, psicológicos e/ou negligência ou perigo para a sua segurança.

“Motivos razoáveis” são os que levariam uma pessoa comum, em função da sua formação, antecedentes e experiência, no exercício de uma avaliação normal e honesta, a suspeitar.

Cabe às técnicas e aos técnicos dos serviços de protecção, habilitadas/os para o efeito, avaliar cada situação individualmente para determinar se uma criança ou jovem necessita de protecção e, em caso afirmativo, como protegê-lo/a da melhor forma.

Nenhuma política ou directiva pode prever as circunstâncias específicas de cada aluno/a ou família.

Portanto, a segurança e a protecção de qualquer dano iminente deve ser a sua principal preocupação.

Como apresentar queixa aos serviços de protecção a crianças.

Pode acontecer que as orientações e procedimentos da sua instituição pareçam pôr em risco a segurança da criança, da vítima adulta, a sua ou a de outros. Caso isso aconteça, avise imediatamente o/a seu/sua coordenador/a e procure aconselhamento junto de instituições que trabalham na área da violência doméstica e junto da CPCJ* da sua área.

Antes de apresentar denúncia:

Peça a opinião do/a seu/sua coordenador/a.

Caso seja apropriado, contacte outras organizações ou profissionais que conheçam a família e a situação e pondere a apresentação de queixa à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens.

Assegure-se de que a sua instituição presta todo o apoio possível à situação, devendo manter-se ao longo de todo o processo.

Informe a criança ou jovem, e o/a progenitor/a que revelou a situação, da sua obrigação de denunciar, providencie apoio e aborde quaisquer preocupações, sobretudo as relacionadas com a segurança (p.ex., "Conheço alguém que pode ajudar-te a ti e à tua mãe. Vou contar a essa pessoa.").

Assegure-se de que possui informações actualizadas acerca da criança que irão ser solicitadas pelos serviços de protecção (p.ex., nome, data de nascimento, morada, nome do pai e mãe, descrição da situação de violência a que a criança é exposta, contactos de possíveis testemunhas).

Ao apresentar a denúncia:

Defina quem fará a denúncia de acordo com as orientações internas da sua instituição.

Comunique à CPCJ as informações relativas à revelação e todas as demais informações relevantes (p.ex., preocupações anteriores por parte da escola).

Transmita as informações de tal forma que a CPCJ leve em consideração, por exemplo, as agressões contra a mãe e promova a sua segurança durante a investigação e no relatório.

Se desejar, explicita que deseja o anonimato da denúncia.

Registe a data em que fez a denúncia, a forma como o fez (correio, fax, e-mail), o nome da/o técnica/o da CPCJ que recebeu a denúncia e procure saber qual o andamento do processo.

Pergunte e registe o que a CPCJ fará e quando.

Se for apropriado, e em colaboração com a CPCJ, mencione um/a profissional de Serviço Social ou de Psicologia que trabalhe em colaboração com a escola para apoio/seguimento regular do processo e, se necessário, da criança ou jovem (poderá não ser um recurso disponível em muitas escolas, pelo que importa explorar outras organizações na comunidade com quem se possam estabelecer parcerias).

Após fazer a denúncia:

Tranquilize o/a aluno/a e dê-lhe conhecimento do que deve esperar (p.ex., "A minha amiga Maria vem visitar-te depois de almoço. Ela ajuda as crianças e os pais a ficarem em segurança."). Informe o/a aluno/a sobre quem mais poderá estar presente.

Com a devida cautela, informe outras pessoas, de acordo com as linhas de orientação internas da escola (p.ex., funcionários/as da instituição que lidam com a criança, os pais).

Documente a revelação feita pela criança ou jovem e as medidas por si tomadas de acordo com as linhas de orientação da escola.

Mantenha o acompanhamento da situação durante o decorrer do processo.

Planeamento da segurança.

Ao ir buscar a criança

É essencial que saiba **quem pode** ir buscar a criança e **quem não pode**. Em casos de violência doméstica poderá existir uma ordem de restrição ou outra decisão do tribunal que impeça o/a familiar agressor/a de ter acesso à criança.

Tenha um plano de acção preparado caso um dos progenitores, que não esteja autorizado/a, tente ir buscar a criança (p.ex., quem ficará junto do/a aluno/a, quem irá telefonar para a Polícia, quem explicará ao pai ou à mãe que a Polícia foi contactada).

Quando existentes, deverão ser guardados no processo da criança ou jovem, na escola, cópias dos documentos do tribunal que impeçam o acesso à criança por parte de um dos progenitores, para que a escola possa recusar entregar a criança. As mães poderão referir na escola a necessidade de não deixar que o progenitor que inflige abuso fale com a criança ou vá buscá-la à escola. Nestes casos, será necessário explicar que a escola precisa de ter consigo cópias dos documentos do tribunal que identifiquem quem é responsável pela guarda legal da criança ou que explicitem o impedimento de acesso à mesma.

Como lidar com a presença do pai e da mãe, em eventos escolares, quando existe violência conjugal ou doméstica.

Concentre-se no/a aluno/a e na sua participação no evento.

Reveja as cópias de documentos legais que indiquem mudanças relativas à guarda, custódia e regras de acesso (p.ex., acordos de custódia e visitas, ordem de restrição).

Não culpe inadvertidamente o pai nem a mãe por qualquer situação que possa ocorrer quando estiver a falar com o/a aluno/a.

Esteja ciente das suas atitudes e sentimentos para com cada um dos progenitores e para com a situação em geral. Isto pode ajudá-lo/a a salvaguardar-se contra atitudes e sentimentos que possam levar a uma situação pouco proveitosa ou pouco profissional.

Esteja preparado/a para ser flexível a fim de apoiar soluções que aumentem o conforto e a segurança das crianças, das famílias e funcionários/as (p.ex., reuniões separadas com o pai e com a mãe).

Discuta com o/a director/a da escola a necessidade de estarem preparados para tomar decisões sobre a limitação do acesso em eventos escolares a um dos progenitores que tenha comportamentos que prejudiquem a segurança e bem-estar dos/as alunos/as e do pessoal educativo. Fale com o/a director/a sobre este assunto antes que ocorra uma situação deste género.

Os exemplos seguintes ilustram os desafios e eventuais soluções para lidar com a presença do pai e da mãe, em eventos escolares, quando existe violência conjugal ou doméstica.

Rute e o concerto na escola

A Rute Cardoso tem doze anos e é uma violinista talentosa que irá tocar dois solos no próximo concerto da escola. Duas semanas antes do concerto, a Rute, chorosa, informa o seu professor de música que o concerto está a provocar tantos problemas em casa que não poderá actuar. Explica, constringida, que o tribunal não deixa o pai aproximar-se da mãe porque já a magoou no passado. Ela diz que a mãe tem muita vergonha de falar sobre este assunto com o professor.

Devido à lealdade para com ambos os pais, Rute acha que é melhor nenhum deles ir e isto só acontecerá se não actuar. O professor pergunta se existe uma ordem do tribunal que impeça o senhor Cardoso de ver a Rute ou a sua irmã Cátia (no 4º ano). A Rute diz que não e explica que o pai as vai buscar à escola todas as sextas-feiras, vão para o apartamento dele, encomendam comida e vêem um filme.

Após discutirem opções, Rute pensa que poderá resultar se o pai puder assistir ao ensaio para os alunos mais novos e a mãe for ao concerto. Ela concorda que seja o professor a apresentar esta proposta à mãe. O professor consulta a directora da escola e fica a saber que a senhora Cardoso deu o contacto do senhor Cardoso à escola, para situações de emergência. Quando contactada, a senhora Cardoso diz imediatamente que o senhor Cardoso deveria ir ao concerto e que não se deveriam preocupar com ela. No entanto, concordou em ir ao ensaio e que o pai da Rute fosse ao concerto, quando soube o quão importante era para ela que os pais a ouvissem tocar.

A reunião entre pais e professora

Quando a senhora Silva telefona para marcar uma reunião com a professora, esta diz-lhe que o marido já tinha marcado uma reunião para ambos. A senhora Silva pragueja e desliga.

Quando a professora, espantada, fala com o director da escola, fica a saber que os pais estão separados. Quando telefona para marcar uma nova data para a reunião, a senhora Silva pede desculpa pela sua reacção e explica que o seu ex-marido de quem foi vítima de abuso, continua a aproveitar qualquer oportunidade para a controlar e intimidar. Uma ordem do tribunal estipula que ele veja os filhos se for supervisionado por uma terceira pessoa. A senhora Silva relata que a ordem do tribunal não impede o senhor Silva de ir a reuniões entre pais e professores e que está contente por ele se estar finalmente a interessar pelo progresso académico dos filhos.

A professora marca outra reunião para a senhora Silva num dia diferente e esta agradece. Quando o senhor Silva aparece na reunião mostra-se jovial, mas depressa se enfurece quando descobre que a esposa não irá comparecer. Insiste que é crucial que ambos ouçam as mesmas informações.

A professora explica que ambos irão receber as mesmas informações pois irão falar sobre o mesmo relatório de progresso. O senhor Silva pergunta qual o dia e hora da reunião da sua esposa para que também possa comparecer. Esta informação não lhe é revelada. O senhor Silva sai da sala sem discutir o progresso dos filhos.

Prevenção da violência na escola.

O que podem os/as professores/as fazer?

Aprender mais sobre violência nos relacionamentos, o seu impacto nos alunos e nas alunas e sobre prevenção na escola. Por exemplo, procurar informação sobre “crianças expostas à violência doméstica”, “bullying”, “violência nos namoros” e “prevenção na escola”.

Trabalhar continuamente no desenvolvimento de práticas escolares que sejam abrangentes e promovam o sentimento de pertença e disponibilidade para aprender dos/as alunos/as. Por exemplo:

- Estimular modelos de inclusão. Evitar estereótipos (p.ex., homem/mulher, raciais) e providenciar modelos de igualdade.
- Programar actividades desportivas para todos os alunos e alunas e não apenas para os/as que fazem parte das equipas da escola.
- Intervir junto dos “alunos/as mais populares” ou de “elementos de gangs” que abusam e silenciam outros (p.ex., aulas ou horas de almoço separadas, apoio entre pares).
- Desenvolver estratégias que proporcionem e incrementem as ligações (p.ex., académicas, sociais, desportivas) para todos os alunos e alunas em relação à escola.

Torne prioritária a ideia duma escola segura dentro e fora da sua sala de aula. Por exemplo:

- Imponha de forma consistente e “crie” um código escolar de conduta que defina e promova um comportamento de respeito, igualdade entre homens e mulheres e use uma norma explícita contra a violência.
- Estabeleça programas de mediação entre colegas em que os alunos e alunas aprendam a utilizar formas de resolução de conflitos nos corredores e no pátio da escola.
- Use estratégias de respeito no decorrer das suas aulas.

Apesar da prevenção da violência beneficiar todos os alunos e alunas, poderá ser particularmente importante para os/as que estão expostos/as à violência doméstica. Por exemplo, um ambiente escolar seguro pode ser um refúgio longe dos problemas de casa.

Ajude a organizar e apoie eventos especiais de sensibilização contra a violência. Estes eventos definem a violência e também aumentam o conhecimento sobre os diferentes tipos de violência e o seu impacto nas vítimas. Por exemplo:

- Organize assembleias e convide oradores/as cujas vidas foram afectadas pela violência.
- Organize uma feira sobre a prevenção da violência.
- Marque produções teatrais centradas na prevenção da violência e sessões de esclarecimento com alunos/as mais velhos/as como moderadores/as.

Aprenda como ensinar eficazmente um programa de não-violência ou a integrar o assunto da não-violência nos programas já existentes, sem se afastar do núcleo da aprendizagem académica.

Por exemplo:

- Organize uma aula de Matemática em que os/as alunos/as reúnem, fazem gráficos e interpretam dados baseados nos resultados de pesquisas sobre bullying nas escolas.
- Use o tópico da violência nos namoros para um trabalho de Inglês (ex. composição de cinco ou seis parágrafos).

A prevenção da violência e programas que promovam relações saudáveis poderão ensinar formas de resolução de conflitos que forneçam alternativas ao que acontece em casa. O pessoal docente tem um papel importante na implementação desses programas de prevenção.

Parcerias entre a escola e a comunidade.

Estabelecer parcerias com entidades locais que trabalham na área da violência doméstica poderá ser benéfico.

Estas ligações entre organizações ajudam a colmatar lacunas que possam existir no sistema institucional e permitem ao pessoal das escolas dar informação mais precisa às vítimas sobre os recursos existentes.

Fomentar as parcerias e os protocolos entre escolas e serviços locais que trabalham na área da violência doméstica tornará mais fácil o aconselhamento sobre as necessidades dos alunos e das alunas. Os profissionais das organizações de apoio a vítimas de violência doméstica são uma excelente fonte de apoio, informação e aconselhamento.

Em muitos locais, tal como em Cascais, existem redes e parcerias focadas na violência doméstica. Estas parcerias podem oferecer oportunidades de trabalho em rede, e poderão ter grupos de trabalho focados nas necessidades de crianças e jovens.

Veja os contactos dos recursos existentes em Cascais no final deste Manual.

Recursos

Concelho de Cascais

FÓRUM MUNICIPAL DE CASCAIS CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Conjunto de entidades locais que, conjuntamente, abordam a temática da violência doméstica através da informação e sensibilização; da promoção de serviços de apoio a vítimas; da edição de materiais pedagógicos e da realização de estudos sobre o fenómeno no Concelho de Cascais.

Morada Câmara Municipal de Cascais
Gabinete da Rede Social e Igualdade de Género
Pç. 5 de Outubro
2754-501 Cascais.

Telefone 21 481 52 63
Fax 21 482 50 62
E-mail forum.violenciadomestica@cm-cascais.pt

COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DE CASCAIS

Morada Av. 25 de Abril, n.º 1011 C
Galerias "O Navegador"
2750-515 Cascais

Telefone 21 481 52 82
Fax 21 481 24 09
E-mail cpcjc@cm-cascais.pt

NÚCLEO DE APOIO À FAMÍLIA E À CRIANÇA DO CENTRO HOSPITALAR DE CASCAIS

Morada Centro Hospitalar de Cascais
Rua Francisco Avillez, Apartado 132
2751-953 Cascais

Telefone 21 482 77 00
Fax 21 484 48 43

ESPAÇO V

(Serviço de atendimento e acompanhamento de vítimas de violência doméstica)

Telefone 21 099 43 21
E-mail: cooperactiva@gmail.com

APAV – GABINETE DE CASCAIS

(Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)

Morada Centro Comercial São Pedro, Loja 28, 2.º Piso;
Rua Nunes dos Santos; São Pedro do Estoril;
2765-546 Estoril.

Telefone 21 468 17 27 ou 21 466 42 71
Fax 21 468 17 27
E-mail apav.cascais@apav.pt
Site www.apav.pt

Emergência

LINHA NACIONAL DE EMERGÊNCIA – 112

Para assistência imediata em situações de urgência e crise.

O 112 dá acesso à polícia, bombeiros e serviços de ambulâncias.

Informe a operadora sobre o problema e dê-lhe o seu nome e morada completa do local onde está a decorrer a situação de urgência.

Não desligue antes que a operadora lhe diga o que fazer.

LINHA NACIONAL DE EMERGÊNCIA SOCIAL – 144

A Linha Nacional de Emergência Social é um serviço público da responsabilidade do Instituto de Solidariedade e Segurança Social e destina-se a dar resposta a situações de emergência e de crise.

Extra-concelhios

UNIÃO DE MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA (UMAR)

Morada Rua de São Lázaro, n.º111, 1.º
1150-330 Lisboa

Telefone 21 887 30 05 ou 21 294 21 98 (Almada)
Fax 21 888 40 86
E-mail umar.sede@sapo.pt
Site www.umarfeminismos.org

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES CONTRA A VIOLÊNCIA (AMCV)

Sede

Telefone 21 380 21 60
Fax 21 380 21 68
E-mail sede@amcv.org.pt

Centro Anti-Violência

Telefone 21 380 21 65
Fax 21 380 21 69
E-mail ca@amcv.org.pt
www.amcv.org.pt

INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA (IAC)

Morada Largo da Memória 14
1349-045 Lisboa

Telefone 21 361 78 80
Fax 21 361 78 89
E-mail iacsede@netcabo.pt
Site www.iacrianca.pt
Linha SOS Criança 21 793 16 17

COMISSÃO NACIONAL DE PROTECÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO

Morada Rua Castilho, n.º 24 - 7.º Esquerdo
1250-069 Lisboa

Telefone 21 311 49 00
Fax 21 310 87 59
E-mail cnpccjr@seg-social.pt
Site www.cnpccjr.pt

COMISSÃO PARA A CIDADANIA E IGUALDADE DE GÉNERO (CIG)

Morada Av. da República, 32 - 1.º
1050-193 Lisboa

Telefone 21 798 30 00
Fax 21 798 30 98
E-mail cig@cig.gov.pt
Site www.cig.gov.pt

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – 800 202 148

Linha Verde de apoio telefónico assegurada pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica

Câmara Municipal de Cascais
Gabinete da Rede Social e Igualdade de Género
Pç. 5 de Outubro, 2754-501 Cascais
Tel. 214 815 263

ISBN: 978-972-637-198-4

forum.violenciadomestica@cm-cascais.pt